

JOANAS, INÁCIAS, ARMINDAS: CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS ESCRAVIZADAS EM TRÊS OBRAS, DO CONTEXTO DO SÉCULO XIX

Bianca Oliveira Correia¹

Andrea C. Muraro²

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar de forma comparativa a figuração da mulher escravizada e a posição do narrador em obras de diferentes contextos do século XIX, explorando as semelhanças e divergências, principalmente no que tange às práticas de violências, como as práticas que impulsionam o sistema escravista. Para a construção do *corpus* do trabalho, foram realizadas diversas revisões bibliográficas acerca de *Cenas de África*, de Pedro Félix Machado, “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis e “A Escrava”, de Maria Firmina dos Reis, do contexto da escravização e das práticas de violência do período. Chegamos à conclusão de que foram identificadas várias analogias entre as três obras, especialmente no que se refere às representações de violência. Além disso, observou-se que a economia do sistema escravista foi um fator importante para a perspectiva da construção das personagens, uma vez que as práticas jurídicas da economia, antes e após a abolição, mantiveram as práticas de violência, mesmo à revelia da lei.

PALAVRAS CHAVES: Machado do Assis, Maria Firmina dos Reis, Pedro Félix Machado, Violência, Escravidão

ABSTRACT: This work aims to comparatively analyze the portrayal of enslaved women and the narrator's position in works from different 19th-century contexts, exploring similarities and differences, particularly regarding violent practices that drove the slave system. To construct the work's corpus, several literature reviews were conducted on Pedro Félix Machado's "Cenas de África," Machado de Assis's "Pai Contra Mãe," and Maria Firmina dos Reis's "A Escrava," focusing on the context of enslavement and the period's violent practices. We conclude that various analogies were identified among the three works, especially concerning representations of violence. Furthermore, it was observed that the economy of the slave system significantly influenced the perspective in character construction, as legal and economic practices both before and after abolition perpetuated violence, often in defiance of the law.

KEY-WORDS: Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis, Pedro Félix Machado, Violence, Slavery

1. DO CONTEXTO E FORTUNA CRÍTICA DAS OBRAS: UMA INTRODUÇÃO

A partir das obras *Cenas de África*, de Pedro Félix Machado, “A Escrava”, de Maria Firmina dos Reis e “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis, é possível encontrar pontos de aproximações e divergências dos contextos da escravatura no século XIX, tanto no Brasil

¹ Graduanda no curso de Letras Língua Portuguesa, ILL/Unilab . biancaoliveira25855@gmail.com

² Orientadora. Professora Adjunta de Literaturas em Língua Portuguesa, ILL/Unilab. muraro@unilab.edu.br

como em Angola.

Maria Firmina dos Reis, em sua narrativa publicada em 1887 na *Revista Maranhense*³, trata da escravização no Brasil um ano antes da abolição no país, apesar desta derrogação ainda não ter ocorrido. No conto “A escrava”, o tema da abolição é apresentado pela narradora, que também é personagem, em um salão onde estavam reunidas pessoas da alta sociedade: “– Admira-me, disse uma senhora, de sentimentos sinceramente abolicionistas; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezanove!” (Reis, 2009, p. 39), ao expor suas opiniões antiescravistas, a narradora confronta as práticas escravocratas presentes na sociedade da época, destacando a incongruência de tais ideias no século XIX, como podemos ler no clássico ensaio de R. Schwarz, *As ideias fora do lugar*. Essa postura é evidenciada quando a narradora se refere a um senhor como “verdugo” (2009,p.40), demonstrando sua posição contrária à escravidão. Além disso, a narradora compartilha uma experiência pessoal que presenciou, reforçando seu discurso sobre a relação entre vítima e algoz, e assim, fortalecendo sua posição antiescravista.

Pedro Félix Machado, ao publicar sua narrativa em 1892, oferece uma perspectiva profunda sobre a escravização em Angola e o tráfico de escravos através dos navios negreiros, estabelecendo uma conexão significativa com o Brasil. Além disso, sua obra não apenas documenta os aspectos logísticos e comerciais do tráfico de escravos, mas também revela as consequências devastadoras desse comércio desumano. Ao representar as condições brutais a bordo dos navios e os horrores enfrentados pelos africanos durante a travessia, o autor destaca a brutalidade e a desumanidade inerentes ao sistema escravagista. Ao expor essa forte conexão entre Angola e o Brasil, Pedro Félix Machado contribui para uma compreensão mais abrangente da escravidão no contexto global, mostrando como as práticas de exploração e opressão se estendiam além das fronteiras nacionais.

Machado de Assis oferece uma visão penetrante da escravidão no Rio de Janeiro em seu conto de 1906, situando-o na época em que a cidade era a capital do Brasil. Sua introdução sugere que a escravidão já foi abolida, como indicado pela frase: “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais” (Assis, 2009, p. 59). Essa afirmação inicial estabelece um contexto histórico crucial e insinua a

³ Memorial de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/categoria/obras/a-escrava>
Acesso em 25. Abril. 2024

mudança social que ocorreu com o fim da escravidão. Na primeira parte do enredo, o autor nos apresenta os "aparelhos" associados à escravidão e suas respectivas utilizações nas práticas de violência, oferecendo um vislumbre da estrutura social e econômica baseada na exploração de mão-de-obra escrava. Essa contextualização é fundamental para compreender o ambiente no qual uma das personagens centrais, Cândido Neves, vive e as pressões sociais que o moldam. Posteriormente, a narrativa se concentra no ofício de capturar escravizados fugitivos, uma ocupação que Cândido Neves assume após desistir de diversos outros serviços.

A escolha em analisar o tema da escravidão nas três obras se dá visto que nos permite examinar como diferentes autores apresentam a escravidão em contextos geográficos e históricos distintos, embora muito próximos, explorando suas abordagens literárias e suas visões sobre o tema. Além disso, permite-nos analisar como essas obras refletem as atitudes sociais e políticas da época em que foram escritas, destacando as semelhanças e diferenças na representação da escravidão e suas consequências. Por fim, é importante considerar como essas obras contribuem para uma compreensão mais ampla do impacto duradouro da escravidão na sociedade e na cultura. Para isso, este trabalho objetiva analisar a posição do narrador e a composição de personagens femininas escravizadas nas obras, através do método da literatura comparada, uma vez que o interesse consiste não apenas em que as obras analisadas se assemelham, mas também nos aspectos que as mesmas diferem (Abdala Junior, 2012).

Acerca dos contos de Machado de Assis e Maria Firmina dos Reis, é possível encontrarmos diversos trabalhos publicados, como Fialho, 2016; Pereira, 2017; Pereira, 2020; Abreu, 2013. Em *Retratos da violência no Brasil do século XIX: "Pai Contra Mãe"*, de Machado de Assis, Elisângela Aparecida Lopes Fialho analisa o conto "Pai Contra Mãe" destacando a violência presente na obra e a figura do narrador como elementos centrais de análise.

Já em *Escravidão e loucura: uma leitura do conto "A escrava"*, de Maria Firmina dos Reis, de José Gomes Pereira, o autor examina "A escrava", de Maria Firmina dos Reis, enfocando a relação entre escravidão e loucura na narrativa. Ele analisa as vozes dos personagens, incluindo os escravocratas, os abolicionistas e a voz da escravizada, especialmente através da personagem Joana, destacando os papéis sociais dentro da sociedade representada na obra:

a) o dominador, que aparece na figura do senhor Tavares, representando, em termos ideológicos, o colonizador, além do feitor Antônio, seu subordinado; b) o dominado, que ganha voz com a escrava Joana, representando o colonizado, juntamente com Gabriel, seu filho; c) o abolicionista, no papel da personagem-narradora, assumindo a dupla função de denunciante e conciliadora de conflitos. (2017, p.1136)

Este excerto destaca a importância em se analisar os papéis das personagens dentro da trama para compreender a obra de Maria Firmina dos Reis, especialmente em "A escrava". Isso permite uma leitura mais profunda das dinâmicas sociais e das vozes presentes na narrativa, destacando o papel crucial da autora como uma das primeiras mulheres negras a escrever um romance abolicionista no Brasil, como foi o caso de *Úrsula*.

Em *A Liberdade na Ordem Escravocrata: interpretações sobre o conto pai contra mãe, de Machado de Assis*, de Paulo Henrique Rodrigues Pereira, tem um objetivo divergente dos demais trabalhos, o autor analisa o conto em uma perspectiva jurídica, observando assim as “[...] condições sociais da ordem escravocrata.” (2020, p.456). Em sua análise foi considerado o contexto histórico, as características do narrador e a figura dos protagonistas na constituição de uma sociedade escravocrata, explorando as complexidades da liberdade dentro de uma sociedade escravocrata através da análise do conto "Pai Contra Mãe" de Machado de Assis. Assim, examina como a dinâmica familiar e moralidade são moldadas pela estrutura escravista, destacando paradoxos e contradições da época.

A tese de José Antônio Carvalho Dias de Abreu, intitulada *Os Abolicionismos na Prosa Brasileira: de Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis* examina as representações e abordagens do abolicionismo na literatura brasileira, com foco nos escritores Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis. Ao apresentar uma sequência de obras brasileiras do século XIX, que versavam sobre a escravidão em suas obras como *As Vítimas Algozes*, de Joaquim Manuel de Macedo (1869), *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (1875), *O Mulato*, (1881), e *O Cortiço* (1890), ambas de Aluísio de Azevedo, Abreu constrói diálogos com as obras de Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis, entretanto, acerca daquelas obras, o autor da tese defende que “[...] algumas dessas figuras, traduzem nos seus textos, sob a capa de um apelo abolicionista, ora uma mentalidade paternalista e racista, ora o desejo de manutenção de uma organização social assente no poder senhorial.” (Pereira, 2020, p.7). O que os difere da escrita de Maria Firmina dos Reis, por exemplo, que cria uma narradora branca e abolicionista antes mesmo da Abolição

acontecer no Brasil. Por se tratar de uma tese, seu *corpus* é de grande valia, porque recupera de forma comparativa os dois contos e romances brasileiros da época.

Todavia, há pouca fortuna crítica de textos publicados em relação à obra de Pedro Félix Machado, com o autor e suas obras gradualmente sendo esquecidos, segundo Francisco Soares⁴. Poucas vezes houve interrupções nesse esquecimento, sendo algumas delas o estudo realizado por Mário António de Oliveira e o prefácio de E. Bonavena, além do artigo *O Fantasma do Brasil em Cenas de África. Romance Íntimo* de Alberto Oliveira Pinto, que faz uma análise aproximativa da vida e obra de Pedro Félix Machado⁵ e estabelece uma conexão com a história.

A fixação de Andrade em Luanda é, sem dúvida, posterior a 1838, pois só nesse ano foi aprovado em Londres o *bill* de Palmerston⁶, que permitiu aos vasos de guerra britânicos – os chamados “cruzeiros” – fiscalizar os cargueiros portugueses e brasileiros a sul do Equador e declará-los piratas caso se descobrissem escravos a bordo. (Pinto, 2012, p.19)

Na passagem, o historiador analisa o ofício do personagem Andrade, pai de Laura, que, tentado pelo dinheiro fácil, resolveu trabalhar com o comércio da escravatura: “Se o carregamento se salvava duplicava-se o capital e ele não podia resistir-lhe.” (Machado, 2004, p.67). Oliveira Pinto, ao aproximar a vida do autor com sua obra, encontra semelhanças entre a D. Engrácia (mãe de Laura) com a mãe do próprio Pedro Félix Machado. Embora o próprio Oliveira Pinto revele que Pedro Félix Machado nunca esteve no Brasil, o quarto tópico de seu artigo intitulado “Os avatares brasileiros nos angolanos e nos portugueses de Angola” traz elementos presentes na obra que

denunciam uma presença discreta mas persistente do Brasil: as origens de D. Engrácia/Nga Galaxi; os passados dos comerciantes escravagistas Andrade e Lemos; a rota do Invencível do capitão Raio e de outros negreiros; as cantigas tocadas ao piano pelo cônego José Maria Fernandes; as referências à Guerra do Paraguai (1864-1870); o percurso de Fernando Gouveia/ Augusto Duprat. Esta personagem, protagonista inequívoca do romance, parece ser a mais marcada pelos avatares brasileiros. (Pinto, 2012, p.22)

O autor também observa a presença do Brasil na construção de dois personagens

⁴ Disponível em: <https://kicola.xn--svisto-bxa.com/p/pedro-felix-machado.html> Acesso em 25. Abril. 2024

⁵ Apesar do pouco conhecimento da vida e obra de Pedro Félix Machado, há alguns estudos que revelam sobre sua biografia. Hoje, é possível sabermos que o autor nasceu em Luanda, aproximadamente em 1860 (apesar de investigações recentes de Luis Henrique revelar ser a data verdadeira de seu nascimento o ano de 1853), é irmão mais velho do cartunista Julião Machado, seus pais eram o português Antonio Felix Machado e a angolana Ana Joaquina do Amaral Gourgel, que, segundo Francisco Soares, apresenta parentesco brasileiros.

⁶ Panfleto escrito por Lorde Palmerston, ex-ministro dos negócios estrangeiros e importante chefe político. A aprovação do *bill* de Palmerston (1839) submeteu embarcações portuguesas suspeitas de tráfico negreiro a tribunais britânicos. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5207>> Acesso em 25. Abril. 2024

secundários, José Filipe da Silva, mais conhecido como Canhoto, que fugia do degredo em Angola e se mudou para o Brasil com a filha que “viveu alguns anos no Pará, onde casou esta com um senhor de engenho, que faleceu *ab intestado* e sem mais parentes-inconsciente da biografia do sogro.” (Machado, 2004, p. 247). O outro personagem se refere é Sérvulo “[...] o rapazinho que foi oferecido aos 15 anos, na qualidade de escravo, a Fernando Gouveia e a quem este, tornando-se o Dr. Augusto Duprat, confere a alforria, mas mantém ao seu serviço.” (Pinto, 2012, p.23).

Apresentadas as obras, no recorte de interesse, passo a exemplificar pontos relevantes em relação à construção das personagens femininas, que são vítimas da escravização e da violência nas histórias. No conto "Pai Contra Mãe", de Machado de Assis, Clara é uma personagem complexa que simboliza a contradição da sociedade da época, seu nome, assim como o de Cândido, remete à cor branca. Sua condição de pobreza contrasta com os privilégios que ela desfruta em relação a Arminda, a escravizada que foge de seu algoz para que seu filho venha ao mundo livre. A morte do filho de Arminda para que o filho de Clara possa continuar com os pais é um exemplo marcante da desigualdade social e racial abordada na obra.

Em *Cenas de África*, a escravizada Inácia, que já havia sido libertada e morava em uma cubata, é esfaqueada pelo seu ex-senhor, pai de Laura, da qual fora ama de leite, por ter fornecido a chave de sua casa a Ernesto, que namorava Laura escondido. Após torturar seus escravos para saber quem forneceu a chave e obter a informação de que fora Inácia, Andrade vai à sua procura e, após receber a localização de Inácia por um preto que troca a informação por dinheiro, a encontra e a esfaqueia no pulmão “Eu vai mostrar, senhor-tornou o preto-, mas quanto dá o senhor?” (Machado, 2004, p. 106). A passagem em que o preto troca a localização da liberta por dinheiro, assim como a insistência de Laura pela obtenção das chaves “[...] e as largas espórtulas de Ernesto...” (2004, p.48) demonstram que as práticas de violência eram justificadas pela economia e recaiam no elo mais frágil e dispensável da cadeia econômica, isto é, o escravizado ou supostamente liberto.

O conto “A Escrava” se assemelha com *Cenas de África* no que diz respeito à construção das personagens femininas. Joana, a escravizada fugitiva, fora liberta aos 5 anos de idade, porém, após a morte de seu pai, sua mãe descobre que a carta de alforria não tinha valor algum, e Joana volta a ser escravizada. Após anos de sofrimento, Joana enlouquece e foge à procura de seus filhos que foram vendidos e levados para longe. Na composição das

duas personagens escravizadas, percebe-se que, até mesmo após a sua alforria, os escravocratas as tratam como objeto de suas posses, podendo enganar, violentar e matar.

2. CONTEXTO DA ESCRAVIZAÇÃO NO SÉCULO XIX E O TRÁFICO NEGREIRO

A escravidão foi implementada no Brasil poucas décadas depois da invasão dos portugueses em 1500, os povos indígenas foram os primeiros a serem escravizados, posteriormente os povos africanos foram trazidos ao país através do tráfico negreiro com o discurso de suprir a falta de mão-de-obra, quando na verdade o motivo era a lucratividade do próprio mercado escravocrata. Conforme lemos *Em Costas Negras: uma história do tráfico de escravos entre África e o Rio de Janeiro*, de Manolo Florentino: “Entre os séculos XVI e XIX, 40% dos quase 10 milhões de africanos importados pelas Américas desembarcaram em portos brasileiros.” (2010, p.23), desta forma, é possível notarmos que os navios negreiros do Brasil eram os de maior número nas costas do continente africano.

Considerando este contexto, na obra *Cenas de África*, de Pedro Félix Machado, o tráfico de escravizados é apresentado através da profissão do Sr. Andrade, pai da personagem Laura que:

[...] resolveu embarcar como sobrecarga de um navio negreiro, e depois de algumas viagens, uma das quais ia lhe custando a vida, fixou em Luanda a sua residência, dedicando-se ao comércio lícito, se bem que, apesar do rigor dos meios repressivos do ignóbil tráfico, ainda, de quando, ia ao seu *embarquezito*, de sociedade com outros, e muito pela certa. Pelo menos arriscava a pele, porque, ainda que aprisionados fosse o navio, provas algumas haveria contra os carregadores. (Machado, 2004, p. 67).

Desta forma, percebemos que o comércio de cativos não somente era lucrativo para os negreiros, mas também para seus capatazes. Outro aspecto observado nesta passagem é o fato de se o navio for pego pela fiscalização, não haveriam provas contra os carregadores, o que impulsiona outra prática do carregamento de escravizados nos navios, jogar a carga humana ao mar para que não haja provas do tráfico, o que posteriormente tornou a transação de escravizados vindo de África menos lucrativo com o passar dos séculos, como fica evidente no trecho a seguir:

Quatro ou cinco vezes reduzidos à miséria, e outras tantas lutando com a sorte, arrebanhando pretos para embarcar, iludindo autoridades, inventando estratégias, conseguira equilibrar-se e enriquecer; mas agora as coisas estavam más, os cruzeiros a vapor utilizavam todos os ardis, as autoridades eram mais difíceis de iludir e menos corrompíveis, e não havia remédio senão renunciar de vez e tal género de especulações. (Machado, p.67-68).

As obras que fundamentam esta pesquisa se interligam a partir de seus desdobramentos temáticos ao abordarem as práticas da escravidão no século XIX, apesar de, em contextos diversos, ambas as produções representam o comércio escravocrata e as relações que eram mediadas pela violência, que nos é dado pelo posicionamento irônico do narrador.

Também no caso de Angola, mesmo que não esteja no *corpus* deste trabalho, mas a título de exemplificação sobre as variadas práticas no contexto de Angola, vale lembrar a obra *Nga Muturi*, de Alfredo Troni, contemporâneo de Pedro Félix Machado na imprensa em Angola, publicada também no século XIX, Nga Ndreza é uma menina que é retirada do seio familiar pelo tio, irmão de sua mãe, como pagamento de dívida a um comerciante “Pelas conversas que ouviu no caminho, soube que o tio tinha sido condenado no juramento, e para pagar o crime a fora buscar à mama, pela lei da terra que obriga os sobrinhos a pagar os quituxi dos tios” (Troni,1973, p.33). Ao longo da novela, é possível observarmos diversas práticas de violência, “[...] a surra que o patrão lhe mandou dar.” (1973,p.37), e mesmo o fato de ter sido amarrada e levada em um navio a uma terra distante e desconhecida e ter que servir as vontades do seu senhor, Nga Ndreza não se reconhece⁷ como escrava e tampouco se afirmava negra “E como era fula, todas as comadres que a iam visitar com a ideia de lhe beber o vinho e comer o presunto que o patrão comprava, diziam que sim, que ela tinha sangue branco.” (p.36). A sua negação como mulher negra lhe fazia ter vergonha de ser violentada como uma pessoa negra “[...] mas açoitada como os negros, ela a mucama, Nga Mubatu como diziam, era demais.” (Troni,1973,p.38). Após a morte do comerciante, da qual Nga Ndreza fora amante, sua ascensão na sociedade ocorre e ela passa a ser Nga muturi, isto é, senhora viúva. Se por um lado há o distanciamento na infância de seu local de origem, o contexto das diversas práticas, demonstra neste caso a ascensão social, em Luanda, de

⁷ De forma semelhante, mas em outro contexto e espaço, o do Brasil, acontece com Gustavo, na peça *O Escravocrata*, de Artur de Azevedo, que só se reconhece como negro após ser revelado que era filho de Lourenço, escravo de Salazar, que até o momento acreditava ser seu pai, mesmo tendo os traços de uma pessoa negra “Como é que explica que seu filho seja bastante moreno, tenha beiços grossos e cabelos duros? Hein?” (Azevedo; Duarte, p. 18).

Ndreza, ao longo da narrativa.

Conforme lemos em *Dois Cônsules de Sua Majestade Imperial em Luanda*, de Gilberto da Silva Guizelin, as práticas comerciais nem sempre foram vistas como execuções econômicas, mas também de natureza administrativa, religiosa e militar, no caso de Nga Muturi, para além da questão econômica, pois foi dada como ‘quituxi’⁸ para pagar a dívida do tio, irmão da mãe, percebemos assim uma situação em que uma prática é realizada, de forma anterior ao processo colonial, uma vez que, Ndreza se torna não somente uma criada na casa, mas também uma das mulheres do senhor comerciante. Ndreza sofre diversas formas de violência física, mas também simbólica como ao chegar a casa do comerciante “Que a mandaram lavar, e desmanchar-lhe o lindo penteado seguro pelo *ngunde* e *tacula* que lhe fizera a mana, tirando-lhe as missangas e os búzios e todos os enfeites.” (Troni, 1973, p.34). Ao longo da narrativa, ela continua sofrendo violências por parte de seu senhor, mesmo sendo sua amante principal, não obstante, após à ascensão social que acontece através da viuvez, ela não para de sofrer violências, um dos casos recorrentes é a questão dos empréstimos que ela realiza e é enganada, não recebendo assim o pagamento: “Contudo não gostava de emprestar a brancos desde que o Juda Abimelech lhe empenhara sete varas de grilhão de ouro, que afinal era latão galvanizado.” (1973, p.58), ou ainda quando era enganada ao pedir para alguém realizar seus pagamentos “-Pois o Pinto enganou-a; este conhecimento é velho e é de outra décima. Ele comeu o dinheiro de Nga Muturi.” (p.63).

De volta ao contexto da obra *Cenas de África*, temos a figura da Sr^a Engrácia, mãe de Laura, que era uma mestiça concubina e que, diferente de Nga Andreza, na obra de Alfredo Troni, ocupa uma posição de soberania na casa como é evidenciado na passagem em que ela se coloca entre o marido e a filha quando este descobre de seu namoro com Ernesto: “Acudiu-lhe a mãe, metendo-se entre os dois e afrontando estoicamente a ira do negociante, que se expandiu, distribuindo cegamente alguns murros, dos quais alguns foram suportados por ela com evangélica resignação.” (Machado, 2004, p.65). Ou ainda quando observamos o tratamento que a Sr^a Engrácia dava aos escravizados e como ela intervém para que os castigos não fossem tão severos “Ele, no fundo, não era dos mais bárbaros, mesmo porque a Sr^a Engrácia intercedia sempre desgraçados e se tornara uma espécie de poder moderador naquela casa.” (2004, p.68). A família de Andrade não via com bons olhos sua

⁸ Segundo a lei da terra, os sobrinhos eram obrigados a pagar as dívidas dos tios, pois, os sobrinhos por parte de mãe eram mais importantes que os filhos, pois eles tinham a certeza de que vindo da barriga da irmã, tinham o mesmo sangue. No caso do contexto da obra, o quituxi ocorre até a menina ser entregue ao comerciante, que depois realiza a troca/venda com o outro, da qual Nga Andreza mais à frente torna-se amante principal.

união com uma mestiça como é evidenciado na carta que ele recebe “Com essa negra de quem se consta - dizia a carta - que tens um filho mulato e com a qual provavelmente virás a casar, deixando tudo a ela e ao narro e deserdando os teus.” (p.69), carta esta que não é respondida, mas, mesmo cortando laços com a família, não deixa de lhes enviar dinheiro, demonstrando assim que a escravidão e as práticas que a compõe são movidas pelo sistema econômico, com suas peculiaridades em cada um destes espaços e tempos.

3. A COMPOSIÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS

No século XIX, a figura da personagem feminina como protagonista era feita de forma negativa e pejorativa, principalmente se tratando de uma mulher negra, todavia, Maria Firmina dos Reis publica “A Escrava” em 1887, pouco antes da abolição no Brasil, tendo como protagonista uma mulher negra que passou a condição de escravizada após sua mãe ser enganada ao comprar uma falsa carta de alforria, burla que era realizada pelo fato de as pessoas escravizadas serem privadas à alfabetização. Assim como sua mãe adoece quando descobre que a filha não era liberta, Joana enlouquece ao ter seus filhos vendidos e levados para longe. Ao ganhar voz no conto de Maria Firmina, Joana narra sua própria história e toda violência causada pela escravidão. Deste modo, “personagens femininas das obras literárias também mostravam um espelho das sociedades, onde antes a personagem mulher representava papéis sociais de submissão e obediência.” (Silva;Rodrigues, 2018, p.2). Assim como para os escravizados do sexo masculino, o sofrimento começava em suas próprias terras, quando eram arrancadas de suas famílias e colocadas em porões de navios com péssimas condições, em que muitas delas nem resistiam a viagem através do Atlântico, sendo violentadas fisicamente, moralmente e sexualmente.

No conto “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis, Arminda é escravizada e ao se descobrir grávida, foge do seu senhor, “-Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser.” (Assis, 1906, p.71). Cândido Neves, personagem responsável pela captura de Arminda, tem um filho, mas é justamente para o salvar da roda dos enjeitados, que ele entrega Arminda para seu senhor em troca da recompensa em dinheiro, prática comum e publicizada nos jornais da época.

Arminda foge de seu dono para que o filho que carregava no ventre pudesse nascer livre, todavia, ao ser entregue para seu senhor, Arminda é açoitada até abortar, Cândido entretanto recebe a recompensa que trará fonte de renda para a família e assim conseguir

ficar com o filho recém-nascido, uma vez que a recompensa pela captura o livrará do despejo e da fome também.

Já a construção feminina analisada na obra de Pedro Félix Machado é a da ama Inácia, que outrora fora ama de leite da personagem Laura, apesar de livre, Inácia ainda servia na casa de seus antigos senhores para ajudar a senhora nas tarefas de casa, prática semelhante e que remete a Lei do Sexagenários, no Brasil, em que todos os escravos com 60 anos ou mais deveriam ser libertos, porém ainda deveriam trabalhar para seus senhores por mais alguns anos como forma de indenização. Ou ainda o decreto, como se lê na obra sobre o contexto angolano:

[...]dizendo acabada a escravatura, obrigava os antigos escravos a trabalharem por mais dez anos para os senhores, que passavam a chamar-se patrões, regulamentando-lhe o serviço, obrigando os senhores ao registo deles e estabelecendo-lhes direitos. //Mas tão hipotéticos eram esses direitos que todas as madrugadas ecoavam pela cidade os gritos angustiosos dos desgraçados *libertos* que os patrões mandavam *surrar oficialmente*, no Quartel do Carmo. (Machado, 2004, p.68)

Além dessa falsa liberdade, a lei não beneficiou apenas alguns escravizados, pois, a maioria nem chegava a completar os 60 anos, tendo em vista que eram raros os que conseguiam atingir esta idade, visto que, a maioria morria devido às péssimas condições de vida, o trabalho árduo e agressões realizadas por seus senhores.

O pai de Laura, queria arranjar para a filha um bom casamento, “suas aspirações resumiam-se actualmente em casar a filha com um homem de representação que o fizesse parecer gente sem ele se incomodar e chegar a comendador sem ninguém poder dizer que ele desejara sê-lo.” (Machado, 2004, p. 47). Desta forma, apaixonada por um simples guarda-livros, Laura pede a ama Inácia para que lhe forneça a chave da porta do quintal de sua casa sem que ninguém saiba, com intuito de dar a Ernesto para que ele possa lhe visitar à noite quando todos estivessem a dormir. A princípio Inácia não quer aceitar, mas acaba não resistindo ao pedido da moça.

Quando o pai de Laura descobre os encontros entre a filha e Ernesto, interroga os seus escravizados e os supostamente libertos para saber quem forneceu a chave a Ernesto, após ficar sabendo que foi a escrava liberta Inácia, o Sr. Andrade vai à sua procura e quando a encontra a esfaqueia, mostrando assim que, apesar de liberta, sempre continuou cativa pela violência “A mão direita do ex-negreiro caiu sobre a preta com tal violência que a faca de que ia armado entrou-lhe no peito até o cabo, não a deixando acabar a frase senão por um grito rouco, aflitivo e inarticulado” (2004, p.107).

O que faz pensar que segundo Fanon, "para o colonizado, ser moralista é, muito concretamente, calar a arrogância do colono, quebrar a sua violência ostensiva, em uma palavra, expulsá-lo simplesmente da paisagem" (Fanon, 2010, p.61), quando o colono se apercebe do avanço do colonizado, naquilo que considera ser o seu mundo, enquanto direito. Fanon traz suas reflexões acerca do período da colonização, porém, a violência de que trata em sua obra *Os Condenados da Terra* muito se assemelha com as violências representadas nas três obras aqui analisadas, assim como o autor argumenta em outra passagem de sua obra que "desde o seu nascimento, está claro para ele que esse mundo escolhido, semeado de interdições, só pode ser questionado pela violência absoluta" (2010, p. 53), tal como para o colonizado está claro que a violência é o que lhe mantém dominado pelo seu colonizador, para o escravizado é evidente que desde seu nascimento, a violência o manterá cativo, violência esta que fez a escrava das obras de Maria Firmina dos Reis e de Machado de Assis fugirem do seu algoz, e, mesmo liberta, prende a ex-escrava Inácia, de *Cenas de África*, à marginalização por parte do homem branco, uma vez que as escravizadas libertas não permaneciam apenas a mercê dos seus antigos algozes, mas de qualquer outro como na passagem em que uma escravizada liberta de um amigo do Sr. Andrade apenas o cumprimenta e "[...] a mão pesada e volumosa do negociante assentou-lhe de chapa e com tal força na cara que a preta deixou de rir e implorar porque foi cair à distância de alguns passos sobre a areia da rua." (Machado, 2004, p.103).

4. A POSIÇÃO DO NARRADOR NAS OBRAS

A posição do narrador é um aspecto importante a ser observado nas três obras. Em "Pai Contra Mãe", de Machado de Assis a narração se passa em terceira pessoa através de um narrador onisciente e onipresente, a narração do conto se divide em duas partes, logo no início há uma espécie de contextualização de costumes da época, em que o narrador nos aponta de forma irônica alguns instrumentos usados para castigar os escravizados e nos explica seus usos, como quando relata a máscara de folha-de-flandres que retirava o vício da embriaguez dos cativos, pois, "Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado." (Assis, 2009, p. 59). Além da máscara, o narrador também descreve outros instrumentos usados para violentar os fugitivos como o ferro no pescoço "imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave" (2009, p.60), que facilitava a identificação de fugitivo, ajudando assim o ofício dos que os capturavam e levavam a seus

senhores em busca de recompensa, assim como o protagonista do conto, Cândido Neves, que após desistir de diversos ofícios, optou virar caçador de escravizados fugitivos.

Em um segundo momento a narração se dirige ao personagem principal do conto, Cândido Neves e sua ligação com a fuga da escrava Arminda. Após o casamento com Clara e a mudança com a esposa e Mônica, tia de Clara, Cândido e sua esposa obtiveram o desejo de ter um filho, da qual a tia Mônica alertava não ser boa ideia devido a profissão vaga e inconstante de Cândido. O filho tarda, mas vem, e com ele vem as dívidas, “A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelo alugueis.” (p.65). Junto com os atrasos veio ultimato de despejo, não tendo dinheiro para pagar as despesas, tia Mônica sugere algo da qual o narrador não é capaz de contar “Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!” (p.66).

Após o nascimento da criança, outro conselho da tia surge, com a criança já nascida, pede a Cândido para entregá-la na roda dos enjeitados, não tendo mais opção, o pai vai, mas no caminho encontra Arminda, a escravizada fugitiva da qual ele viu o anúncio no jornal, sem pensar duas vezes, Cândido deixa seu filho em uma farmácia e corre atrás da fugitiva. A narração a partir deste momento retrata de forma direta a violência sofrida por Arminda: “Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse” (p.71). Arminda chega a implorar e dizer ao seu caçador que está grávida, Cândido Neves cobra de Arminda uma responsabilidade que ele mesmo não teve “-Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.” (p.71), sendo que o próprio, resolveu ter filho sem ter condições de criá-lo. Ao ser entregue para seu senhor, Cândido recebe a recompensa e Arminda aborta seu filho.

O narrador se posiciona em demonstrar as várias perspectivas da dura realidade da vida ao dizer que o filho da escrava entrou no mundo sem vida e que Cândido presenciou a cena, mas não sentiu compaixão, afinal, a recompensa lhe permitiu voltar com o filho para casa. Tia Mônica vendo-o voltar com a criança e com o dinheiro, o perdoou e julgou a escrava pelo aborto e pela fuga, já Cândido abençoou a fuga e ignorou o aborto, afinal “-Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (p.73).

A narração do conto “A Escrava”, de Maria Firmina dos Reis, se realiza em primeira pessoa, através de uma personagem/ narradora branca e abolicionista que não é nomeada ao longo da trama, mas sua cor fica evidente em algumas passagens do conto, como

quando o feitor que estava a procura de Joana, muda a forma de se expressar, demonstrando respeito a ela em comparação ao tratamento da negra escravizada “Não viu, minha senhora, interrogou com acento, cuja dureza procurava reprimir –” (Reis, 2009, p. 42). O papel desta narradora é fundamental para o desenrolar do enredo, uma vez que [...] introduz a fala do negro que perdeu a liberdade, mas não a humanidade.” (Duarte, p.213), através da fala da escravizada Joana, que após a fuga, recebe amparo pela narradora/personagem do conto, e narra as memórias de sua vida, incluindo todo sofrimento causado através da violência da escravização. No início do conto há um diálogo entre a narradora e pessoas da alta sociedade, o assunto é a escravidão, neste diálogo há presença de elementos do cristianismo para enfatizar o fato de a escravidão ser um mal “Para que se deu em sacrifício, o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não era verdade que seu sangue era o resgate do homem!” (Reis, 2009,p.40). Após este momento a narradora se posiciona de uma perspectiva abolicionista e avisa que irá narrar uma história que lhe aconteceu, percebe-se, então, uma narrativa dentro da primeira narrativa.

Na segunda parte do conto “A Escrava”, percebe-se elementos do Romantismo como na passagem a seguir: “– Era uma tarde de agosto, bela com um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica, e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso” (Reis, 2009, p.41), em seguida, Joana, a escravizada fugitiva, passa correndo pela narradora que a segue com o olhar, quando seu feitor vem a sua procura gritando palavras ofensivas, ao enxergar a narradora que é branca, muda o tom de voz e suas palavras para se dirigir a ela e perguntar se viu a escrava fugitiva, a narradora, por sua vez, diz que a viu e que ela correu na direção que ele vinha, fazendo-o assim seguir em direção oposta a que se encontra verdadeiramente a fugitiva.

Quando o feitor saiu novamente à procura da fugitiva, desta vez em direção errônea, a narradora-personagem do conto vai à procura de sua protegida, neste momento aparece um homem correndo, é Gabriel, filho de Joana, a escravizada que fugia. Gabriel sai em busca de sua mãe e a partir deste ato também se torna fugitivo.

Apesar da narradora se autodeclarar antiescravocrata, ela reconhece a gravidade do ato de abrigar dois fugitivos em sua casa, mas alega como seu dever socorrer aquelas vítimas, principalmente a mulher que se encontra à beira da morte. Após o reencontro entre filho e mãe, o foco narrativo oscila e se volta para os dois personagens, a princípio o

algoz dizia que sua fugitiva se fazia de “douda”, loucura esta que seu filho vem a confirmar “– É douda, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoudeceu.” (2009, p.48).

Após uma possível melhora, Joana ganha voz no conto e narra o sofrimento e a violência que a escravidão lhe causou desde criança. “Eu mesma. Ainda posso falar. E começou: – Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.” (p.50). Joana relata que seus pais foram enganados com uma suposta carta que a tornava livre, todavia, com a morte do pai, Joana foi obrigada a trabalhar, e percebendo que a carta era uma fraude, sua mãe caiu doente e morreu.

Joana, uma escravizada silenciada, ganha voz no conto de Maria Firmina dos Reis, e ao ser ouvida, decide falar até seus últimos minutos de vida “– Deixa concluir, meu filho, antes que a morte me cerre os lábios para sempre... deixa-me morrer amaldiçoando os meus carrascos.” (p.53). Após narrar como aconteceu o tráfico de seus filhos Carlos e Urbano, Joana dá seu último suspiro e assim como sua mãe, morre.

Há grande divergência entre a narração do conto de “Pai Contra Mãe” e “A Escrava”, levando em consideração o contexto no qual ambas as obras foram produzidas, notamos que Machado de Assis escreve seu conto no Rio de Janeiro, que era capital do Brasil na época, enquanto, mesmo escrevendo antes da abolição, ao dar voz a uma mulher preta e escravizada, Maria Firmina dos Reis cria uma linguagem sem ironia e sem eufemismos com a inserção da narração da escravizada Joana que relata como seus filhos foram lhe retirados de forma brutal e violenta por seu senhor “– Por Deus, tornei eu de joelhos, e tomando as mãos do cruel traficante: – meus filhos!... meus filhos! Mas ele dando um mais forte empuxão, e ameaçando-os com o chicote, que empunhava, entregou-os a alguém que os devia levar...” (p.53). Já Machado de Assis utiliza da ironia para narrar o uso dos aparelhos usados nos escravizados como a máscara de folha-de-flandres “Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas.” (Assis, 2009, p. 59) o uso da ironia também se faz presente em diversas partes do conto, como quando o narrador afirma “Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada.” (2009, p. 60).

No conto de Maria Firmina dos Reis, mesmo após o falecimento da escravizada, ainda vão procurá-la, após mandarem o feitor a casa da narradora, junto com dois pretos, ela os dispensa e manda um cartão para o senhor Tavares, a protetora mostra alguns documentos ao senhor, comprovando assim a liberdade de Gabriel “A lei retrogradou, Hoje protege-se escandalosamente o escravo, contra seu senhor; hoje qualquer indivíduo diz a um juiz de órfãos.” (2009, p.57), ao que o Tavares reconhece com grande fúria, diante da estratégia da narradora-personagem para a libertação de Gabriel.

Já a narração de *Cenas de África*, de Pedro Félix Machado, acontece em terceira pessoa, através de um narrador onisciente. O livro é dividido em duas partes, e na primeira o narrador não nos revela exatamente em que ano ocorre os acontecimentos “O relógio da Igreja Nossa Senhora dos Remédios da cidade de Luanda, capital da província de Angola, acabava de dar duas horas em uma noite de Junho de 186...” (Machado, 2004, p. 35), todavia, ao decorrer do romance, o autor “[...] inclui uma analepse que retrocede a 1846-1847; os últimos capítulos passam-se em 1870.” (Henriques, 2022, p.130).

Lemos e Andrade são os personagens chaves para a criação da narrativa acerca do comércio escravista em Angola, sendo os dois os principais negreiros do romance. Andrade deixou a profissão devido a forte fiscalização das autoridades, já Lemos, “Fora capitão de navios, fizera escravatura e decidira estabelecer comércio lícito naquela praça, desde que os transportes da antiga *mercadoria* começara a dificultar-se.” (Machado, 2004, p. 132).

O narrador parece adotar uma posição de empatia e indignação diante das condições desumanas e dos maus-tratos sofridos pelos escravizados durante o transporte nos navios. Ele retrata os eventos como "horríveis" e "desgraçados", demonstrando repúdio pela maneira como as pessoas escravizadas são tratadas como mercadorias pelos senhores "brutais" e "mesquinhos", o que pode ser observado na passagem a seguir:

Então, Fernando rememorou as horríveis cenas do embarque, em que aqueles desgraçados, acorrentados uns aos outros, marcados a fogo no peito, iam debaixo do azorrague embarcar sem saber para onde, trabalhar toda a vida para senhores brutais e mesquinhos que os tratariam como coisas por os terem comprado como bestas! (2004, p. 177).

As obras “Pai Contra Mãe” e *Cenas de África* apresentam narradores em terceira pessoa, diferentemente, já em “A Escrava”, temos a presença de uma narradora/personagem, que nos traz uma maior aproximação dos fatos narrados. Em “Pai

Contra Mãe”, a aproximação com o leitor ocorre em tom melancólico e muitas vezes irônico, todavia, a narração evidencia toda a violência presente no conto, sobretudo na cena em que a escrava aborta a criança que carregava no ventre. Outro fator importante em “Pai Contra Mãe” é a construção da narrativa através da descrição dos instrumentos usados para castigar os escravizados e a exposição das diversas tentativas de Ernesto encontrar um ofício. O narrador de *Cenas de África* aborda as diversas práticas de violência presentes no período escravocrata, desde o tráfico negreiro, as leis que beneficiavam os senhores de escravos, até as aplicações de castigos aos escravizados.

Os exemplos demonstram a violência contra as mulheres escravizadas do século XIX em dois espaços, em Angola e no Brasil, destacando a figura feminina, é possível ainda hoje encontrarmos esta realidade, pois muitas mulheres ainda são violentadas por seus “senhores” que em muitos casos são os seus companheiros e, assim como nas obras, são violentadas ou mortas quando tentam fugir, além de passarem por diversos outros problemas na sociedade.

Por fim, também é possível encontrar divergências na figura do narrador e notarmos que seus tipos escolhidos fazem com que o leitor se aproxime da história e consiga inferir as violências aplicadas. Em “Pai Contra Mãe” temos um narrador em terceira pessoa que, ao descrever o ofício do personagem principal Cândido Neves, retrata a dura realidade da escravidão em tom melancólico e irônico, em contrapartida, a narração do conto “A Escrava” é uma narração-testemunho⁹, pois, a primeira narradora, que também é personagem e se declara como abolicionista e denunciante, narra um fato que lhe ocorreu ao testemunhar a fuga de Joana, a escravizada fugitiva, da qual também se torna narradora, ao contar como se tornou escravizada e todo sofrimento e violência que sofreu nas mãos de seu algoz. Já o narrador de *Cenas de África* muito se assemelha com o narrador típico do Machado de Assis, a onisciência do autor-editor se manifesta na profunda compreensão dos personagens, incluindo seus pensamentos e memórias, permitindo-lhe a liberdade de abordagens variadas. Ambos os narradores também incorporam comentários que preveem a reação do leitor ao decorrer da narrativa. Estes tipos de narradores fazem com que o leitor se aproxime da história e consiga entrever a denúncia da violência, tanto na composição das personagens, quanto na posição do narrador nas obras.

⁹ Podemos encontrar as categorias da narrativa do texto *Introdução À Análise da Narrativa*, de Benjamin Abdala Junior (1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A composição das personagens femininas nas obras aqui analisadas são construídas a partir do contexto em que cada produção está inserida. Machado de Assis, ao escrever na capital do Brasil na época (Rio de Janeiro), cria uma personagem negra, escravizada que está grávida e para obter a liberdade do filho ainda não nascido, foge do seu algoz e da escravidão, todavia, a construção desta personagem é realizada de forma destoante a da personagem Clara, que mesmo sendo uma moça pobre, tem mais direitos que Arminda, pelo simples fato de ser uma mulher branca, incluindo o direito gerar seu filho, que é retirado de Arminda para que Clara possa permanecer com o seu, através da ação de seu marido Cândido, branco pobre sem emprego que tenta a sorte buscando capturar escravizados fugitivos como Arminda.

Pedro Félix Machado escreve sua obra em Luanda, capital de Angola, e a publica em 1892, apesar da publicação de diversos decretos para a abolição da escravatura, a prática continuava sendo realizada em Angola. O autor cria a figura da personagem Inácia, que fora ama de leite de Laura, filha do ex-negreiro Andrade. Apesar de libertada, Inácia continua a prestar serviços para a família, remetendo ao decreto que “[...] dizendo acabada a escravatura, obrigava os antigos escravos a trabalharem por mais dez anos para os senhores, que passavam a chamar-se patrões...” (Machado, 2004, p. 68).

A figura da personagem Joana, a escravizada que, como forma de rebeldia e da não aceitação da condição de escrava, foge do seu algoz a procura de seus dois filhos que foram traficados para o Rio de Janeiro, representa a segunda voz narrativa do conto de Maria Firmina dos Reis. Ao abrir espaço para que a escravizada possa narrar os sofrimentos que lhes foram causados pela escravidão, Joana se torna a protagonista da própria história, narrando assim como se tornou escravizada e o que a levou ao estado de loucura antes da fuga.

A posição dos narradores nas obras revela as práticas de violência de formas diversas. Em “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis, o narrador introduz o conto descrevendo, de forma irônica, os aparelhos usados para castigar e violentar os escravizados, logo em seguida o foco narrativo muda para o personagem principal Cândido e sua vaga ocupação de capturar escravizados fugitivos em troca da recompensa,

mas as práticas de violência são reveladas com mais destaque ao final do conto, quando acontece a narração da fuga de Arminda e da captura realizada por Cândido, ao ser entregue para seu amo, é açoitada e aborta o filho que carregava no ventre.

Em “A Escrava”, de Maria Firmina dos Reis, encontramos duas narradoras/personagens. A primeira não é nomeada, mas, no conto fica evidente que ela é uma mulher branca que participa da alta sociedade, pois, ao início da narrativa ela se encontra em um salão, onde estão ocorrendo diversos assuntos, que são interrompidos pela nossa narradora que se declara abolicionista, esta anuncia que irá narrar um fato que lhe aconteceu, abrindo assim uma segunda narração dentro da primeira.

Ao relatar sobre a fuga da escravizada Joana e de seu filho Gabriel, a narradora abre espaço para que a própria escravizada fugitiva narre o que lhe fez fugir e todo sofrimento que a escravidão lhe causou, desta forma, as práticas de violência na obra de Maria Firmina são relatadas na perspectiva da escravizada.

Joana descreve como a liberdade lhe foi tomada quando seus pais foram enganados ao comprar uma carta de alforria que de nada valia, demonstrando assim a fragilidade da lei, que abria brechas para que os escravocratas burlarem as cartas, as destruíssem ou até mesmo a negação de assiná-las, no caso da personagem Joana, a fraude de sua carta, levou sua mãe a falecer pouco depois de descobrir a nulidade do documento. Joana revela o trabalho exausto que teve de realizar durante anos, os castigos e como seus filhos Carlos e Urbano foram lhe retirados na hora do descanso e traficados para o Rio de Janeiro. Após a separação dos filhos, Joana, assim como sua mãe, adoece e é reconhecida como louca pela sociedade escravista. Após a fuga, Joana amaldiçoa seu algoz, até o último suspiro de vida.

A narração em *Cenas de África*, de Pedro Félix Machado, adota uma posição de empatia e indignação em relação às práticas de violência presentes no contexto angolano, principalmente em relação ao tráfico negreiro e as péssimas condições em que as pessoas escravizadas passavam nos porões dos navios. A obra é repleta de violências, não somente cometidas contra a liberta Inácia, como quando Andrade a esfaqueou no pulmão após descobrir que ela forneceu as chaves a Laura para que esta a entregasse para Ernesto, mas também violências efetuadas a outros escravizados (as) como a Luís, escravizado de Ernesto que recebe “[...] uma forte banguelada embaixo dos rins...” (Machado, 2004, p. 54) e os castigos que o Sr. Andrade dava a seus escravizados e até

mesmo a ex-escravizados durante toda a obra.

O narrador está sempre a descrever o Sr. Andrade como um homem violento em que a ira está sempre a dominá-lo, é notável ao longo da obra que, quando ocorrem estes ataques de raiva, o ex-negreiro sai distribuindo pontapés e socos para qualquer um que lhe aparece à frente. Mas, além das práticas de violência realizadas por Andrade, o narrador também nos apresenta diversas outras formas, como o tráfico negreiro, as leis que beneficiavam os negreiros e senhores de escravos e os castigos que eram empreendidos não somente as que estavam na condição de escravizados, mas que continuavam sendo realizados após a “liberdade”, relacionando-se assim a ideia de “homem livre” de Roberto Schwarz, de que o escravizado que foi liberto continuava dependente através das práticas de favor, pois, [...] seu acesso a vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande” (Schwarz, 2014, p.51), demonstrando assim que mesmo liberta, a escravizada Inácia continua cativa através das práticas de violência e do favor.

A personagem Clara, do conto de Machado de Assis, apesar dos diversos privilégios por ser uma mulher branca, é pobre, e por este motivo é uma mulher que em várias circunstâncias depende da prática de favor alheio para sobreviver, como da vez em que o credor da casa não a despejou ou ainda quando a tia consegue emprestado os quartos do fundo da casa de uma senhora rica, após terem sido despejados por não pagar o aluguel.

Por fim, podemos concluir que a escravização, assim como as práticas de violência retratadas nas obras aqui analisadas, eram impulsionadas pelo processo econômico, “[...] considere-se que o latifúndio escravista havia sido na origem um empreendimento do capital comercial, e que portanto o lucro fora desde sempre o seu pivô.” (2014, p. 50). Assim como para o crítico Schwarz, entendemos que o capital é o pensamento precípua dos escravistas, até certo ponto “[...] quando esta forma de produção veio a ser menos rentável que o trabalho assalariado...” (p.50).

Concluimos que a escravização foi um sistema econômico brutal que se baseava na exploração de trabalho não remunerado, na violência e na comercialização de pessoas, principalmente negras. Sua lucratividade vai além do enriquecimento dos escravocratas, como também financiou a infraestrutura de diversos países europeus e em diversos locais aqui no Brasil, como estradas, portos e até mesmo na construção de grandes cidades.

No contexto histórico, para além das pressões dos movimentos abolicionistas, a economia impulsionou a abolição da escravatura, tendo em vista que, com a proibição do tráfico negreiro, o custo para mantê-lo de forma ilegal aumentou, fazendo com que o trabalho assalariado fosse mais vantajoso, mas não deixou de ser violento para aqueles oriundos da escravização.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

_____. “Comunitarismo cultural e comparatismo literário nas literaturas de língua portuguesa”. In: Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), São Luís: UFMA, 2012, p. 185-209

ABREU, José. **Os Abolicionismos na Prosa Brasileira: de Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis**. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, 2013.

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: RUFFATO (Org.) **Questão de Pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

AZEVEDO, Artur. & DUARTE, Urbano. **O Escravocrata**. Teatro de Artur Azevedo - Tomo III - Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro vol. 7 - INACEN – 1987
<http://www.biblio.com.br/>

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

FIALHO, Elisângela. Retratos da violência no Brasil do século XIX: “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis. In: **Jangada**. Colatina, Chicago, n.8, jul-dez, 2016.

FLORENTINO, Manolo. **Em Costas Negras: uma história de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1997.

GUIZELIN, Gilberto da Silva. **Dois Cônsules de Sua Majestade Imperial em Luanda (1822-1861)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

HENRIQUES, Luís, A identidade crioula luandense: a obra *Cenas de África? Romance íntimo* e a Luanda oitocentista. **Revista África**, São Paulo, p.117-148, 2022.

MACHADO, Pedro Félix. **Cenas de África.?. Romance íntimo**, Organização e Prefácio de E. Bonavena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

OLIVEIRA, Mário A. **A Formação da Literatura Angolana**. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1997.

PEREIRA, José. Escravidão e loucura: uma leitura do conto “A Escrava”, de Maria Firmina dos Reis. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, p. 1134-1144, 2017.

PEREIRA, Paulo. A liberdade na ordem escravocrata: interpretações sobre o conto *Pai Contra Mãe*, de Machado de Assis. **R. Fac. Dir. Univ. São Paulo**, São Paulo, vº 115, p.455-475, jan./dez.2020.

PINTO, Alberto Oliveira. O fantasma do Brasil em *Cenas de África.?. Romance Íntimo*, de Pedro Félix Machado. **Via Atlântica**, São Paulo, nº22, dez/2012, p.15-26.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 2.ed. São Paulo: Cadernos do Mundo Inteiro,2018.

REIS, Maria Firmina dos. A Escrava. In: RUFFATO (org) **Questão de Pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

SCHWARZ, Roberto. **As Ideias Fora do Lugar**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

SILVA, Maria; RODRIGUES, Francisca, A voz feminina negra na literatura brasileira oitocentista: a autora e as personagens de *Úrsula*. **Afluente**, UFMA/Campus III, v.3, n.8, mai/ago.2018, p.62-81.

TRONI, Alfredo. **Nga Muturi**. Lisboa: Edições 70, 1991.